

Caldas, Phelipe (2023). O belo e suas torcidas. As formas de torcer que cercam o Botafogo da Paraíba. São Paulo: Editora Ludopédio.

Marianna Castellano Barcelos de Andrade
Doutoranda em Antropologia Social/Universidade Federal de São Carlos
<https://orcid.org/0000-0001-5471-1949>
marianna.cbandrade@gmail.com

O livro em questão, “O Belo e suas torcidas. As formas de torcer que cercam o Botafogo da Paraíba”, lançado em 2023 pela Editora Ludopédio, é fruto da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, de autoria do jornalista e antropólogo, Phelipe Caldas.

Com o prefácio escrito pelo antropólogo Luiz Henrique de Toledo e apresentação feita pelo historiador Luiz Antonio Simas, a obra trata das diversas formas de torcer dentro de um mesmo time. O autor, desde as primeiras linhas, ressalta seu interesse em pesquisar as torcidas do Botafogo da Paraíba, a partir de suas múltiplas fronteiras e diferentes formas de pertencimento ao se relacionar com o futebol, ainda que vinculadas afetivamente a um mesmo clube. Utiliza o termo “torcidas”, no plural, sem exceção ao longo de todo o livro, como uma forma de demarcar a multiplicidade existente entre esses diversos grupos, preocupado em pensá-los, portanto, a partir de suas distinções e semelhanças, rivalidades e alianças.

A rica pesquisa etnográfica que se segue é feita comparativamente a partir de dois espaços das arquibancadas do Estádio José América de Almeida Filho, popularmente conhecido como Almeidão, a casa do Botafogo-PB, a saber: Arquibancada Sol, de um lado, o setor mais popular daquela praça esportiva; e a Arquibancada Sombra, do outro, setor intermediário com ingressos mais caros do que os da Sol, porém mais baratos que o Setor de Cadeiras.

A etnografia foi realizada entre maio de 2017 a agosto de 2018, analisando especificamente três grupos de torcedores: a Torcida Jovem do Botafogo-PB (TJB), a mais antiga torcida organizada do clube, o Império Alvinegro 1931, única torcida organizada que ocupa a Arquibancada Sombra, e a Loucos pelo Belo, um grupo de torcedores não organizados, os detalhes de fundação e organização dos grupos são devidamente apresentados ao longo do trabalho. Para tanto, o campo do autor se expandira para além das imediações do Estádio Almeidão, incluindo também ao repertório etnográfico viagens com os torcedores em caravanas interestaduais, que lotaram o seu caderno de campo de interessantes histórias e observações, a maioria delas propriamente descritas ao longo da obra. Ainda realizou entrevistas com os torcedores, mesmo que o maior foco do conteúdo etnográfico tenha sido as conversas informais que surgiram durante o campo.

O livro está dividido em três capítulos e um prólogo, e antes de adentrar ao conteúdo de cada capítulo, é necessário destacar que o intuito aqui não é de descrevê-los com extensos detalhes, mas sim, trazer ao leitor um panorama dos assuntos abordados por Caldas, situando as principais contribuições que a sua pesquisa traz para uma literatura acadêmica já consolidada na antropologia das práticas esportivas (Toledo & Costa, 2009).

No primeiro capítulo, “As torcidas, o campo, o estádio”, o autor começa a apresentar os grupos de torcedores estudados, focando principalmente em seus hábitos, comportamentos e peculiaridades torcedoras. Nesse sentido, a ênfase recai sobre a distinção das torcidas e os símbolos que elas usam para se definir e se diferenciar umas das outras, principalmente com a necessidade de demarcação entre os torcedores organizados e não organizados. O que torna todo o contexto por si só um terreno fértil de comparativos, pois no caso em tela, a Torcida Jovem do Botafogo-PB se descreve como uma torcida organizada de pista, já a Império Alvinegro 1931 se coloca como uma torcida organizada pacífica, e a Loucos pelo Belo, foge de qualquer classificação que a assemelhe como torcida organizada. Todas essas características demonstram como essas relações não são feitas sem conflitos e negociações, que ora resultam em rivalidades, e ora resultam em alianças a depender do contexto.

Outro ponto que merece destaque neste primeiro capítulo é como o autor se coloca em meio a seu campo de pesquisa, trazendo para as páginas as nuances e implicações em fazer etnografia com seu próprio time do coração, essa relação pesquisador-torcedor se torna convidativa para discussões que o autor propõe ao longo do livro. Principalmente porque as “afetações” em campo não param só com a ambiguidade de ser pesquisador-torcedor do Botafogo-PB, mas também, pelo histórico profissional de Caldas, jornalista esportivo que já fez diversas coberturas envolvendo o clube paraibano. Algo que gera

novos confrontos a partir da tríade torcedor-pesquisador-jornalista, pois por conta de seu trabalho, muitas vezes seu interlocutor era também leitor das colunas que escrevia nos noticiários esportivos. No decorrer das páginas narra diversas situações que demonstram o conflito existente entre esses dois mundos, e claro, toda a resistência imposta no início do seu trabalho de campo para conquistar uma relação de confiança com parte de seus interlocutores.

Aborda também no capítulo 1 o próprio Estádio do Almeidão, apresentando-o em diálogo com inquietações caras da antropologia urbana, dando destaque a importância desse espaço tanto para a sociabilidade das torcidas em questão, como também para ele e para seu trabalho de campo, afinal, foi no estádio e nos arredores dele que suas primeiras incursões em campo foram feitas, e apesar da sua pesquisa não ter sido restrita apenas a esse espaço, é possível notar um apreço tanto pessoal quanto metodológico ao estádio.

Já o capítulo 2, “As múltiplas torcidas do Botafogo-PB”, carrega o cerne da pesquisa, pois é onde o autor justamente se aprofunda nas distinções de cada um dos grupos, apontando como cada um deles surgiu, como um enxerga o outro, e principalmente, como interagem nos ambientes e contextos dentro e fora do estádio, destacando como todos possuem em alguma medida críticas uns aos outros. É viável dizer que esse capítulo carrega inclusive uma das maiores contribuições que a pesquisa de Caldas traz como um todo, a partir da ideia muito arraigada no senso comum de “torcida de time X” sugerindo ser uma coisa só, envoltos em uma única experiência de torcer para o mesmo time, a partir disso, o autor nos mostra com afinco etnográfico que é possível pensar através de “múltiplas identidades em constante disputa” ao invés de algo homogêneo e pacificado. Isso só é possível justamente por abordar as torcidas como universos inteiros e complexos, que ressignificam os espaços, transformando as partes das arquibancadas em verdadeiros territórios, cujas fronteiras são bem definidas e mediadas por conflitos, disputas e negociações.

Pauta tudo isso sem esquecer também de posicionar essas torcidas dentro de um espectro político e social anterior, destacando dados que não são meramente ilustrativos, como quais torcidas possui membros mais periféricos, oriundos de classe social baixa, majoritariamente negros, etc, como é o caso dos integrantes da Torcida Jovem do Botafogo-PB, que tradicionalmente ocupam o setor mais popular do estádio. A Império Alvinegro, por sua vez, é composta hegemonicamente por torcedores provenientes de uma classe média, com muitos torcedores vindos de bairros mais centrais ou até mesmo de áreas nobres da cidade, ocupando o espaço da Arquibancada Sombra do estádio, bem como a Loucos pelo Belo.

Destina grande parte do capítulo discorrendo também sobre símbolos estéticos (faixas, bandeiras, bandeirões) que identificam cada uma das torcidas dentro dos espaços e territórios da arquibancada do Almeidão. Para quem já possui familiaridade com pesquisas na temática do torcer e torcidas, é sabido como essas dinâmicas importam especialmente para pensar em conflitos e brigas entre grupos, inclusive, entre torcidas de um mesmo time. Exemplo clássico pode ser visto no ato de mexer ou roubar a faixa de outra torcida. Algo que evidencia os embates que permeiam a sociabilidade dessas agremiações e a interação entre elas.

Outro ponto interessante da etnografia e que certamente interessa para pensar algumas discussões sobre bi filiação clubística, é que a Loucos pelo Belo, um das torcidas estudadas, é um grupo que detém um número considerável de “novos” torcedores do time, onde antes, escolheram torcer para clubes de fora da cidade, ou até mesmo de fora do Nordeste, e que se aproximam do clube paraibano no contexto pós 2013, ao se consagrar campeão da Série D, e ano após ano ganhar espaço na Série C, Copa do Brasil e Copa Nordeste.

Somado a isso, o autor também discute como ao longo de décadas, as pesquisas acadêmicas sobre torcidas nunca deixaram de olhar para a lógica dos conflitos e das disputas, entretanto, costuma ser mais corriqueiro analisar tais conflitos sobre a ótica da rivalidade, a partir de torcidas vinculadas a clubes distintos, o aspecto central e singular da pesquisa do Caldas, se dá portanto, nessa ênfase aos conflitos mais localizados de torcidas de um mesmo time.

Apesar das diferenciações e conflitos entre torcidas vinculadas afetivamente a um mesmo clube, Caldas nos lembra que é preciso entender também as situações em que essas distinções se dissolvem e as alianças tendem obrigatoriamente a surgir, como é o caso de partidas decisivas, onde existe um encontro e embate com os times mais rivais do mesmo estado, ou até mesmo de outros. Nesse sentido é indispensável que as torcidas se “unifiquem” e se situem em prol do Botafogo-PB, alternando assim contextualmente entre rivalidades e alianças.

Não deixa de citar também ao longo do capítulo a respeito das intervenções da Polícia Militar da Paraíba com o aval do Ministério Público, em relação a comportamentos dentro do estádio e seus entornos, e todo o autoritarismo e coerção envolto nessas interferências sob a justificativa de combater a violência entre as torcidas, fazendo coro a um discurso já conhecido no que diz respeito a maneira que o poder público lida com as torcidas nos estádios Brasil afora.

Caminhando para o terceiro e último capítulo, “As torcidas conquistam a(s) cidade(s)”, a pesquisa aprofunda seu diálogo com a cidade, pois é neste momento que o autor se propõe a analisar principalmente como os torcedores do Belo se relacionam com a cidade em si e com os espaços públicos, além disso, como eles ultrapassam os limites de João Pessoa, através dos jogos como visitantes em outras cidades e até mesmo em outros estados. Na tentativa de identificar, inclusive, como os diferentes grupos de torcedores em questão dialogam e fazem o uso da cidade e de seus espaços de maneira distinta.

Ao trazer o debate urbano para o foco, Caldas notoriamente se aproveita do assunto para dialogar novamente com alguns autores pertencentes da antropologia urbana, detalhando situações etnográficas que demonstram que os torcedores são, antes de tudo, cidadãos, e vivem o torcer de maneira intrínseca com a cidade. Reflete sobre a apropriação dos torcedores em diversos espaços da cidade para além do estádio, e como muitos espaços que antes, ou em outros contextos poderiam ser entendidos como espaços vazios de significados e apenas de passagem, para estes torcedores, tornam-se espaços produtores de diversas sociabilidades e memórias. Reforçando constantemente como cada torcida usufrui de maneiras distintas das dinâmicas da cidade, mesmo porque, como já foi dito anteriormente, os torcedores são oriundos de diferentes lugares da cidade. Descreve também sobre encontros e festividades que as torcidas realizam em outros espaços para além dos estádios, como festas, almoços, festas juninas etc.

Além disso, nesse capítulo, relata sobre as 04 viagens que fez junto das torcidas para outras cidades e estados do Nordeste, ou até mesmo os longos 5 dias de ônibus até Ribeirão Preto-SP, sendo essa última experiência amplamente descrita pelo autor, constantemente ressaltando como essas viagens enriquecem a experiência torcedora de diversas maneiras, reforçando laços que extrapolam o “estar em casa”. Um ponto que merece destaque é que nestes relatos etnográficos de viagens, o autor consegue demonstrar ainda mais o que era o objetivo principal da sua pesquisa: como as relações entre os torcedores de um mesmo time podem ser sensíveis e complexas, cujas identidades são numerosas e podem se associar ou se distanciar.

Finalizando a obra, no prólogo, o autor escolhe este espaço para fazer uma discussão a respeito de um tema tradicionalmente ligado a torcidas: o da violência. Porém, Caldas optou por conduzir esse debate a partir do que ele chamou de violência institucional, avaliando como o trato dentro do estádio de futebol pode ser descomedido, quando olhado a partir de alguns marcadores sociais como raça e classe. Além de debater como essa violência é institucionalizada e naturalizada por órgãos como a Polícia Militar e o Ministério Público. Como exemplo disso, o autor destaca a partir de sua observância

durante sua pesquisa de campo, como os diferentes setores do estádio possuem distintas formas de revista e de tratamento ao torcedor.

Com base nesse panorama, é assim que se encerra o mergulho etnográfico feito por Phelipe Caldas em torno das múltiplas torcidas do Botafogo-PB, inaugurando um diálogo importante e até então pouco explorado sobre as torcidas paraibanas, não só pela extensa etnografia mas principalmente por fugir do já conhecido eixo Rio-SP de torcer envolvendo clubes em sua maioria da primeira divisão dos campeonatos, contribuindo para o aprofundamento do debate acadêmico sobre as diferentes formas de torcer em toda a sua multiplicidade Brasil afora.

Uso de Inteligência Artificial

Não foram utilizadas ferramentas de IAG nesta resenha.

Referências

Caldas, Phelipe (2023). *O belo e suas torcidas. As formas de torcer que cercam o Botafogo da Paraíba*. São Paulo: Editora Ludopédio.

Toledo, Luiz Henrique & Costa, Carlos Eduardo (2009). *Visão de Jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.

Recebido em 06 de novembro de 2025.

Aceito em 12 de janeiro de 2026.